

Dossiê performance nas artes
dramáticas, nas artes visuais
e na música

Espaço Cênico-Musical:
vida em movimento – ação

*Scenic-Musical Space:
life in motion – action*

Elvis de Azevedo Matos
Universidade Federal do Ceará
E-mail: elvis@ufc.br

Resumo

O presente artigo tem intuito de fazer um mapeamento panorâmico das metodologias, formas de ensaio e de montagem dos espetáculos do Coral da Universidade Federal do Ceará. Pretende-se discutir com mais circunspeção a concepção de espetáculo mais atualmente orquestrada pelos regentes do coro, na esteira do trabalho da estudiosa Izaíra Silvino. Nessa perspectiva, o espetáculo, ainda que se utilize de procedimentos e aspectos teatrais, se encaminha para uma forma de performance que põe em relevo o coro como personagem coletivo e diretivo nas ações cênicas, enfatizando o caráter plurissemiótico das várias linguagens utilizadas em cena.

Palavras-chave: Prática coral, Coral da UFC, Performance musical, Izaíra Silvino.

Abstract

This article intends to make a panoramic mapping of the methodologies, forms of rehearsal and production of the choir shows at the Universidade Federal do Ceará. It is intended to discuss with more circumspection the conception of the show most currently orchestrated by the choir conductors, in the wake of the work of the scholar Izaíra Silvino. From this perspective, the show, even though it uses procedures and theatrical aspects, moves towards a form of performance that highlights the choir as a collective and directive character in scenic actions, emphasising the plurisemiotic character of the various languages used on stage.

Keywords: Choral practice, UFC Choir, Musical performance, Izaira Silvino.

Introdução

*O dizer conta as contas
de um rosário de encantos.*

- Para Izaíra Silvino

(in memoriam)

O Coral da Universidade Federal do Ceará foi criado em 1959 pelo maestro Orlando Vieira Leite, que permaneceu à frente do grupo até o final da década de 1960. Após alguns anos de silêncio, silêncio este decorrente do desligamento de seu maestro e criador, o Coral da UFC passou a ser dirigido pela Professora e maestrina Katie de Albuquerque Lage, que permaneceu à frente do grupo nos anos 1970.

Sob a direção de seus primeiros regentes o Coral da UFC realizou um trabalho afinado com os cânones do Canto Coral europeu, sem que seja possível perceber traços significativos de uma busca por um sentido de brasilidade no trabalho artístico do grupo.



Figura 1: Coral da UFC sob a regência de Orlando Leite

Schrader (2002) aponta que Katie Lage deu continuidade ao trabalho iniciado por Orlando Leite “trabalhando um repertório erudito europeu e brasileiro e incentivando a educação musical dos seus componentes, assim como, cursos de musicalização para a comunidade” (SCHRADER, 2002: 134).



Figura 2: Coral da UFC sob a regência de Katie Lage

Mutações em desenvolvimento

Nos anos de 1980, circundado pelo processo de redemocratização do país e sob a direção da Professora e Maestrina Maria Izaíra Silvino Moraes, o Coral da Universidade Federal do Ceará deu início ao que se pode chamar de busca por um perfil de coral brasileiro. Tal iniciativa conjugava 3 aspectos essenciais para a configuração do trabalho que se empreendia:

- Exclusividade no repertório do cancionário popular brasileiro, com ênfase para a produção musical do Nordeste do país;
- Pesquisa de uma postura vocal adequada ao repertório nacional, desvinculando a sonoridade do grupo daquela oriunda no *bel canto* italiano;

- Redescoberta do espaço cênico como espaço de possibilidades para movimento e ação, essencialmente humano.

Matos considera que “a aglutinação de pessoas em torno de um fazer musical coletivo na Universidade Federal do Ceará afinou-se com a luta empreendida na década de oitenta pela redemocratização do país” (2006: 245). Silvino, por sua vez, aponta: “a experiência de cantar em coral anuncia que o futuro de um novo tempo já começou. (...) é um amanhã construído num agora que anuncia um futuro esperado.” (SILVINO, 2007: 149)



Figura 3: Izaíra Silvino

O trabalho de redescoberta ou apropriação das estruturas que se tornavam cênicas pela simples presença de um grupo de canto coral não foi, considerando as resistências ideológicas dos portadores das tradições musicais e teatrais de Fortaleza, algo tranquilo.

Os embates eram constantes no cotidiano de trabalho do grupo e tais embates se tornavam mais recrudescidos pelo fato de que o Coral da UFC era portador, ele mesmo, de uma tradição artística instaurada por seus primeiros dirigentes. Todavia, a Professora Izaíra Silvino, contando sempre com a colaboração intensa da Professora Leilah Carvalho Costa, que fazia a preparação vocal do grupo, logrou não apenas estabelecer novos parâmetros para o trabalho cênico e musical no Ceará. Indo além, as professoras formaram novos agentes que deram continuidade às “ousadias estéticas” nascidas a partir daquele impulso artístico.



Figura 4: Leilah Carvalho Costa

Tal como ocorreu em outros estados brasileiros, houve no Ceará uma grande mobilização de pessoas, principalmente jovens, em torno do Canto Coral, principalmente no âmbito do movimento que nacionalmente ficou conhecido como “Coro-Cênico”, expressão que carece de maiores estudos tendo em vista que desde suas origens o Coro é um construto essencialmente cênico.

Tendo como espaço privilegiado para a apresentação de seus trabalhos a chamada “caixa cênica” ou o espaço teatral, o Coral da UFC buscou estabelecer procedimentos que, em tal espaço, alcançassem atualizar o que até então estava naturalizado como “apresentação de um grupo de canto coral”. Em tais eventos havia a exclusiva preocupação com os aspectos sonoros, enquanto as múltiplas especialidades do palco eram negligenciadas.

Havendo, ao mesmo tempo em que o Canto Coral se tornava dinâmico, um impulso de ruptura das fronteiras entre as diferentes linguagens artísticas, o qual nos logra, hoje, pensar em “eventos estéticos” plurissemióticos, o que veio a ser chamado na realidade cearense de “espetáculo coral” não busca afiliação com nenhuma tradição dramática que lhe antecede. Entendemos que o objetivo é tornar mais amplo um fazer essencialmente musical, lançando mão de novas possibilidades cênicas que consubstanciam novos paradigmas de formação daqueles que agem em cena.

Agir em cena pressupõe, como nos aponta Agnes Heller (1978), uma superação de si mesmo e em tal superação residem possibilidades formativas que podem levar os sujeitos à apropriação de si mesmos na medida em que estes se arriscam em um espetacular experimento artístico musical.

Eymess (2016: 83) sobre o trabalho do Coral da UFC, destaca: “O trabalho cênico do Coral da UFC acontece de maneira integrada entre as formas de expressão artística: teatro, dança e circo (acrobacia e malabarismo). O princípio para a interpretação no trabalho cênico também é a subjetividade.”

Um dos aspectos marcantes do trabalho atualmente realizado pelo Coral da UFC é a estruturação de uma fabulação que gera o enredo e as cenas sonoras com base exclusiva no texto das canções interpretadas pelo grupo. Não há, assim, o auxílio de poemas ou textos para a condução do nexos dramático nem tampouco diálogos que explicitem ações de personagens específicos.

A concepção do Teatro mais essencial, alguns diriam “radical”, aponta a centralidade desta linguagem no texto e, ao mesmo tempo, no corpo do ator. Guilherme (1989: 161), aponta que “a criação no teatro tem a singularidade de não dispensar a presença física do artista na concretização de seu produto final.”

Ocorre, porém, que, no exercício cênico do tipo “coral aos vivos”, o próprio coro é um personagem coletivo que pode ser fragmentado em grupos-personagem, tendo como estrutura essencial, sempre, o jogo sonoro-musical que aponta possibilidades de duetos, trios, quartetos etc.

Porém, mesmo quando se configura como personagem amplo por seus *tutti* ou quando se fragmenta em grupos menores, o princípio grupal prepondera e o texto é apenas sugerido, mesmo porque a literalidade dos textos das canções, além de ser poesia, se mescla com a complexa estrutura do discurso musical polifônico, fazendo com que o texto perca sua primazia, tal como ocorreria em uma estrutura radicalmente teatral.



Figura 5: Coral da UFC sob a regência de Izaíra Silvino

Conclusão

Assim, podemos refletir se o que ocorre de fato no caso que apresentamos é, em última análise, um afastamento da pura linguagem do teatro, em busca de uma performance rica em hibridizações estéticas.

Não podemos, por exemplo, tentar uma aproximação comparativa dos espetáculos dinâmicos-musicais do Coral da UFC com as estruturas dramáticas da ópera ou do teatro musical, pois nestes há uma clara delimitação da função das estruturas de texto que articulam recitativos e árias: formas musicais que dão maior ou menor relevo ao texto, sempre em acordo com a função deste ao longo da narrativa que se empreende no “drama com música”.

Enquanto obra de arte essencialmente musical, optamos por utilizar o termo “espetáculo” para nos referirmos às montagens realizadas pelo Coral da UFC nos últimos 40 anos e sobre tal possibilidade artística é possível pensarmos que esta se alicerça a partir de uma confluência de subjetividades que se articulam em uma proposta que busca romper a inércia estruturante e naturalizada do canto coral¹.

Tornar-se vivo nos conclama ao movimento e todo movimento é sempre uma ação sonora.

Nos compete não estabelecer previamente as regras ou a formatação do que pode ou do que não pode chamado de “obra de arte”. A obra de arte é, de onde compreendemos, produto de subjetividades que, em espetáculos corais vivos, podem configurar amálgamas subjetivosas e, ao mesmo tempo, descortinar possibilidades expressivas para corpos-vozes que se ampliam na caixa cênica e para além desta.

Não cremos que a arte seja uma adaptação àquilo que já está posto, mas, sim, entendemos que a arte é ação expansiva constante, isto é, movimentos de ação, invenção e reinvenção: expansão de certezas individuais e transcendências.

Nas apresentações, a dinâmica da subjetividade se manifesta numa interação entre os que interpretam e os que assistem: os cantores transmitem a sua expressão verdadeira, que chega ao público pela sua subjetividade.
(Anna Henrike Eymess, 2016: 92)

1 Para quem deseja ver a performance apresentada pelo grupo no IX Simpósio Antigos e Modernos: *Teatro, performances e formas de dramaticidade*, cf. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=lUggyE31tk4>

Referências

EYMESS, Anna Henrike. *A música do Corpo coro brasileiro - uma etnografia do espetáculo abraços*. Fortaleza, Expressão Gráfica Editora 2016.

GUILHERME, Ricardo dos Santos. "Teatro radical brasileiro". In: *Revista de Letras* 14, Editora UF (1989, 161-165).

MATOS, Elvis de Azevedo. *Efervescente ebulição: reflexão sobre o "momento sócio-musical" vivido na década de oitenta no movimento coral de Fortaleza*. In *Cultura de Paz, Educação Ambiental e Movimentos Sociais - ações com sensibilidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

SILVINO, Izaíra. *Ah, se eu tivesse asas*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2007.

SCHRADER, E. *O canto coral na cidade de Fortaleza/Ceará: 50 anos (1950 – 1999) na perspectiva dos regentes*. Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Música, Universidade Estadual do Ceará/Universidade Federal da Bahia, 2002. Link: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=23342>